

OTÁVIO BRANDÃO: DEPOIMENTO 1977

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v14i2.51024>

Octávio Brandão Rego¹

Entrevistadores: Maria Cecília Velasco e Cruz; Renato Lessa

Levantamento de dados: Maria Cecília Velasco e Cruz; Renato Lessa

Conferência da transcrição: Nara Azevedo de Brito

Copidesque: Elisabete Xavier de Araújo

Técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

Local: Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Data: 15/jan./1977 a 10/fev./1977

Duração: 06h 50min.

Fita cassete: 05

Nota dos Editores

Na esteira das comemorações do centenário do Partido Comunista Brasileiro (PCB), *Germinar: marxismo e educação em debate*, vem publicando, ao longo deste ano, uma série de documentos, artigos e resenhas no sentido de apresentar, para o conjunto das suas leitoras e leitores, parte da história da classe trabalhadora. Esta história, grande medida, se entrelaça a trajetória de lutas do PCB no Brasil. Neste número, evidenciamos Octávio Brandão², militante histórico da organização centenária.

Em entrevista realizada com Octávio Brandão no bojo da pesquisa "Trajetória e Desempenho das Elites Políticas Brasileiras" que fazia parte do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), em vigência desde sua criação, em 1975, destacamos o legado político e teórico de uma das vozes mais atuantes que ecoava no PCB. Vale destacar que esta entrevista amparou a tese de doutorado da Professora Dulce Pandolfi, mais tarde, o livro *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB*, publicado em 1995.

A entrevista foi concedida na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 15 de janeiro de 1977 a 10 de fevereiro do mesmo ano, e teve duração completa de seis horas e cinquenta minutos. A transcrição integral ocupou 139 páginas. Sendo assim, o texto aqui apresentado, é parte da entrevista disponibilizada

gentilmente pelo CPDOC. A transcrição integral pode ser acessada livremente em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista213.pdf>

Entre os temas elencados, destacamos a trajetória de Octávio Brandão, o contexto de fundação do PCB, divergências com anarquistas, polêmicas com Astrojildo Pereira³, influência da Internacional Comunista, penetração e organicidade com as massas, dissensos teórico-táticos que foram forjados na construção e consolidação do PCB no Brasil. Sublinhamos que os temas dissertados, à primeira vista, podem se apresentar com tonalidades diferentes, mas se consubstanciam efetivamente no mesmo quadro quando o tema é a emergência da Revolução Brasileira.

Para o preâmbulo da entrevista, convidamos o professor Filipe Leite Pinheiro, da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Pinheiro possui um estudo sistemático sobre a trajetória de Octávio Brandão e vem se debruçando acerca dos principais intérpretes, assim como, de temas candentes da Revolução Brasileira. O preâmbulo encontra-se disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/51034/27484>. A fim de aproximar a leitora e o leitor com determinadas questões, optamos por inserir algumas notas em momentos da entrevista, indicando referências para melhor esclarecimento de algumas especificidades históricas. Elegendo a batalha das ideias e a disputa pela memória histórica como essenciais na dinâmica da luta de classes, esperamos que o contato das leitoras e dos leitores com personagens como Octávio Brandão possa fazer emergir, de forma crítica e radical, a necessidade de apreender a formação social do Brasil com o propósito de coletivamente transformá-la.

M.C. - Otávio, onde e quando você nasceu?

O.B. - Eu nasci a 12 de setembro de 1896, na cidade de Viçosa, de Alagoas, no interior, a cem quilômetros do litoral, no meio das plantações de cana-de-açúcar. Subiam, desciam ladeira, até as portas da cidade, aquelas plantações de cana-de-açúcar. Viçosa é uma cidade muito pequeno-burguesa, cercada de latifúndios, antigos engenhos, engenhos de açúcar. Só muito depois é que apareceu uma usina. Então, o ambiente era este: uma pequena burguesia urbana - uns progressistas, outros confusos, outros reacionários - e aquele latifúndio cercado a cidade, latifúndios de plantações de cana-de-açúcar. Lugar muito bonito, o rio Paraíba no meio dos pedregais, aquelas matas, às vezes matas virgens. Uma coisa raríssima na história do Brasil a gente encontrar matas virgens. Uma dessas, subindo a serra Dois Irmãos, atravesssei com um grupo de amigos: seis horas subindo e abrindo caminho com um facão, porque de outra forma não era possível dar um passo - aquele entrelaçamento de cipós, da base até lá em cima, eram matas virgens. Agora estive em Itatiaia e vi lá matas bonitas, mas os paus são finos, quer dizer são recentes, e a mata não é virgem. A gente pode penetrar de um extremo a outro, como na Europa.

M.C. - E como você entrou em contato com as idéias anarquistas?

O.B. - Isso já foi depois, em Maceió. Em Maceió, houve um tipógrafo, Antônio Bernardo Canelas. Ele era tipógrafo, jornalista, tudo. Ele editou o jornal A Semana Social, em Maceió. Ele não estudava. Acreditava demais na própria intuição, mas era muito inteligente. Tinha antenas; pegava as coisas no ar. Canelas editou esse jornal. Esse jornal teve muita importância, porque, quando o governo declarou guerra à Alemanha, A Semana Social botou lá a manchete: "Abaixo a guerra imperialista." Somente Maceió, Rio e São Paulo é que protestaram contra a guerra. A esmagadora maioria dos intelectuais: Rui Barbosa, Coelho Neto, toda essa gente apoiando os Aliados contra os alemães. E nós contra os Aliados e contra os alemães, de modo que foi uma coisa impressionante. E Canelas tinha amizade com Astrojildo Pereira, aqui no Rio de Janeiro. Astrojildo morava em Niterói, a correspondência vinha para o Rio de Janeiro. Então, Astrojildo começou a dar indicações. Aí eu li Bakunin, Deus e o Estado; li Kropotkin, A conquista do pão; li Sebastião Faure; li Malatesta. O que encontrei, fui lendo. E li Nietzsche, que contribuiu muito, porque, como ele mesmo diz, no prefácio lá de um dos seus livros: "Retirai deste livro amargo, razões para tudo." [riso] É como a Bíblia, a gente tira dali o que bem quer. E então, Nietzsche serviu para eu resistir àquele ambiente clerical, àquela pressão da família, àquilo tudo. Ele representou um papel positivo. E as outras idéias dele, em filosofia e em sociologia, eu repudiei. Admirei sobretudo as poesias, como aquele "Canto da Noite", que ele escreveu em Roma. Quanto às idéias, muitas das idéias dele, que depois contribuíram para o nazismo, eu rechacei já em 1916, 1917, quando ele diz: "O Estado é o mais frio dos monstros..." Porque Nietzsche tem muitas coisas anarquistas e tem coisas que serviram para Hitler. A primeira parte foi a que eu adotei. O livro dele O anticristo, que é uma crítica ao cristianismo, também li. E foi o que eu encontrei em Maceió. Sobre a Rússia, o único livro que encontrei foi um livro do século passado... Stepaniaquim descrevendo os Narodnaiavolia, os terroristas do século passado. Foi o único livro que encontrei, não encontrei mais nada de lá. Ou então artigos de jornal, mas artigos caluniosos. Todos esses jornais caluniando a revolução na Rússia

M.C. - Como o anarquismo justifica a revolução? Por que a revolução era necessária?

O.B. - Contra a burguesia... Você se lembra do canto da Internacional: "De pé, vítimas da fome, de pé, famélicos da terra. Ruge a razão, ruge e consome, a crosta bruta terra." Objetivamente, era luta de classes. E há um pensamento de Lenin, que eu tenho em alguma parte, dizendo que, no meio daquela confusão dos anarquistas, havia algo de puro, algo de nobre, que iria se desenvolver. Eles queriam fazer greve, lutavam por aumento de salário, pelo dia de oito horas, por liberdades sindicais, contra o governo. Por exemplo, a greve da Leopoldina, as greves gerais em todo este Brasil eram dirigidas pelos anarco-sindicalistas, que não eram corruptos. Havia os amarelos, que recebiam dinheiro da Polícia. Eles, não. Imagine: passavam fome, miséria, desemprego, porque havia aquelas listas negras. Alguém, por exemplo, deixava o sindicato, não era mais presidente, nada, e ia procurar trabalho. Ora, havia a lista negra. Eu conheci um desses... Chamava-se Guilhermino Leite. Ele andou - era tecelão -, andou aqui, em Petrópolis,

São Paulo, procurando trabalho como tecelão e não conseguiu. Ele estava na lista negra, porque participou da insurreição de Magé. Depois, foi ser motorista.

M.C. - Como é que foi essa insurreição de Magé?

O.B. - É; foi em 1918. Lá, os operários dominaram Magé. Eram tecelões. Dominaram Magé durante dois ou três dias e, no fim, não sabiam o que fazer. Aqui, o movimento já tinha fracassado, porque Oiticica levou um tenente do Exército, o Ajus, um judas, que prometeu que faria coisas extraordinárias lá no Exército e era um traidor. Denunciou tudo à Polícia. Quando estavam reunidos os dirigentes – Oiticica, Astrojildo Pereira –, chegou a Polícia e prendeu todos. Lá se foi. Houve greves em Bangu. Foi um movimento importante. O proletariado foi para o Campo de São Cristóvão com bombas na mão, jogando bombas nos soldados.

M.C. - Otávio, como seria a sociedade depois da revolução? Quer dizer, a sociedade que os anarco-sindicalista imaginavam.

O.B. - Bem; não queriam o Estado, quer dizer, não queriam o Exército. Armariam os sindicatos, armariam milícias operárias, e estes operários defenderiam a revolução contra as tropas... Haveria pequenas comunas agrícolas, aqui, ali e acolá, em lugar da centralização, como nós. Já Marx queria a centralização. Eles eram pelo federalismo e as pequenas comunas. Depois, quando chegou 1921, passei por uma crise. Dois anos e meio de anarquismo, eu vi que terminava em derrota. Caminho, não vejo nenhum. Ir para onde? Não tem. O ano de 1921 foi um ano de crise. Por um lado, uma felicidade extraordinária com Laura, no casamento com Laura; mas do outro lado, uma crise política, moral e filosófica. Ir para onde? Não sei. Voltar ao anarquismo, não volto. O anarquismo está perdido. Foi o principal culpado dessas derrotas. Demos tudo. Sacrifício total, em tudo e por tudo. Centenas de militantes, e, no final, nada. E não víamos nenhuma saída. Por isso; porque o anarquismo não queria a política, não queria a máquina do Estado; queria essas pequenas comunas agrícolas, o federalismo sem concentração. Então, não tinha futuro nenhum. Bakunin não compreendeu isso; Kropotkin não o compreendeu também; mesmo homens de valor como eles dois não compreenderam nada de nada.

R.L. - E, em cima da constatação desta dificuldade do anarquismo, apareceram várias tentativas de se organizar partidos, nessa época, não é? Em 1920, 1919...

O.B. - É; partidos pequeno-burgueses, partidos socialistas, tudo isso.

R.L. - Como é que eram esses partidos?

O.B. - Pequeno-burgueses, jornalistas, advogados se reuniam, fundavam um partido e queriam a participação... Queriam ser deputados, senadores, ministros - carreirismo, oportunismo. Não tinham nenhuma coesão. Pouco depois, nós os combatíamos e esses partidos se desfizeram

R.L. - Qual é a visão que vocês tinham do Brasil nessa época?

O.B. - A resposta está no meu livro, que se chama Agrarismo e industrialismo. O Foster Dulles, no livro dele, diz que eu fui o teórico do Partido Comunista. A nossa visão era a seguinte: primeiro, um país sob domínio imperialista, lá há páginas e páginas sobre o imperialismo em geral e a penetração imperialista no Brasil citando todas estas empresas estrangeiras: Light, Standard Oil, as estradas de ferro inglesas, tudo, tudo, Shell, tudo isso. Quer dizer: a primeira definição é imperialismo, depois a penetração do imperialismo no Brasil, e a palavra de ordem: "Abaixo o imperialismo" -735 imperialismo, inimigo principal. Pela primeira vez na história, nós desenvolvemos as coisas assim: o imperialismo como inimigo principal. Bom, depois mostramos que havia sobrevivências feudais. Nós chamávamos o feudalismo. Hoje diríamos sobrevivências feudais do Brasil. Mostrávamos os engenhos do Nordeste, as fazendas de café de São Paulo, tudo isso. Muito material [inaudível]. Inclusive publicamos uma vez, também, uma carta da fazenda de café Guatapará em São Paulo. Eu digo: "Bota na primeira página." Saiu, na primeira página da Classe Operária, um artigo, uma denúncia dos colonos da Fazenda Guatapará. Pois então, sobrevivências feudais. Precisava acabar com o latifúndio, retalhar a terra, toda a terra do Brasil, sem abrir exceção, confiscar as empresas imperialistas. Mas, da tribuna da Câmara [riso], eu propus... Havia lá um projeto: pagar dívidas aos bancos americanos no valor de sessenta mil contos. E eu propus não pagar um tostão e empregar os sessenta mil contos para liquidar o analfabetismo no Rio de Janeiro. Foi um escândalo. Diziam: "Mas o senhor prega não pagar dívidas!" Eu digo: "É, eles são imperialistas, nós somos inimigos do imperialismo." Coisas assim. Foi um escândalo. Os lacaios de Washington Luís, às vezes, ficavam com ódio.

M.C. - Por que vocês achavam importantes as alianças com o tenentismo?

O.B. - Porque já em 1850, mais ou menos, Marx lançou uma circular aos comunistas alemães para apoiarem todo o movimento progressista. E nós considerávamos a Coluna - Rodolfo Coutinho, não, foi contra - um movimento de pequeno-burguês revoltoso e progressista. Era nosso dever apoiar todos esses movimentos. Reivindicamos a anistia várias vezes e defendemos da tribuna. È porta das fábricas, diziam: "São bandidos, infames, saqueadores, ladrões." E nós às portas das fábricas: "Devemos apoiar a Coluna Prestes, porque é um movimento progressista, quer acabar com esse atraso do Brasil."

R.L. - Isso logo que a Coluna eclodiu?

O.B. - Logo que... não digo logo. Mas quando tivemos notícia que ela marchou em direção ao Norte e tivemos, então, notícias através de vários simpatizantes do partido que estiveram com a Coluna. Por exemplo: lá perto de Teresina, no Maranhão, ali... Bom, aquele lugar do Maranhão, estiveram lá com a Coluna e vieram contar: a Coluna é assim, assim. Nós sempre defendemos a Coluna.

M.C. - E como você entrou em contato com os anarquistas aqui no Rio?

O.B. - Bem, eu já tinha relações com o Astrojildo, com o Oiticica. Fui procurá-los. A primeira visita foi a José Oiticica. A segunda visita foi ao historiador Rocha Pompo. Eu já tinha contato com eles. Logo de noite... um amigo... Fui para o Largo do Machado, lá para um hotel, e um conhecido me levou à casa de Oiticica. Eu tinha o endereço. Então, depois, conheci Astrojildo, que se tornou meu amigo número um até 30. Em 30, Astrojildo capitulou diante da revolução soviética, à palavra de "Revolução soviética imediata." E foi uma espécie de traição, ele me traiu, descarregando toda a culpa nas minhas costas. Ele era o secretário do partido e tratou de escapar pela tangente.

M.C. - O Astrojildo?

O.B. - É, em 1930. Pelo menos de 19 a 30 foi meu amigo número um.

M.C. - Por que ele tentou escapar pela tangente?

O.B. - Porque ele era o secretário do partido. Por conseguinte tinha uma responsabilidade enorme em todos os erros do partido. E quando chegou a hora, tratou de escapar pela tangente como se não tivesse nenhuma culpa. Descarregou tudo nos meus ombros. Em 30.

M.C. - Mas culpa de quê?

O.B. - Dos erros do partido. O partido não queria a revolução soviética imediata. "Otávio Brandão é o culpado. Otávio Brandão impediu a vitória da revolução soviética imediata." Os maiores disparates do mundo, em 30, numa reunião dos partidos comunistas em Buenos Aires. Fiquei eu como o único culpado, e ele como inocente de tudo. Então eu vi que ele não era meu amigo. Na hora ele não tinha coragem de assumir a responsabilidade dos próprios atos.

R.L. - Mas ele não tinha defendido a estratégia eleitoral antes?

O.B. - Tudo, tudo ele defendeu. Era o secretário do partido! Em 30 eu vi que não podia mais contar com ele. Ele voltou ao Brasil e meteu os pés pelas mãos, exigiu a liquidação do Bloco Operário e Camponês⁴. Foi uma discussão horrível. Eu digo: "Mas como?! O Bloco Operário e Camponês nos deu uma vitória e uma organização de massas. Tem sessenta comitês nos sindicatos, nas fábricas. Como é que nós vamos liquidar uma organização de massas?" Ele cumpriu passivamente as decisões do Bureau da Internacional Comunista em Buenos Aires, e foi liquidado o Bloco Operário e Camponês.

R.L. - E você acha que a derrota do Bloco Operário e Camponês em 30 se deve a...?

O.B. - A uma linha falsa de... de soviéticos. Completamente falsa. Eu combati esta linha em Buenos Aires. Mas fiquei sozinho e agüentei 16 discursos me atacando. E queriam me expulsar como traidor, imagine! Eu, para não ser expulso como traidor, declarei que aceitava a linha por disciplina. E defendi a linha por

disciplina. Isto durou quatro anos. No fim de quatro anos, eu estava em Moscou... Quatro anos defendendo soviets! O maior disparate da história do Brasil! Eu estava em Moscou, o camarada Dimitrov mandou me chamar - ele era o secretário da Internacional Comunista no começo de 36 - e me disse: "Tudo quanto disseram sobre a revolução soviética imediata no Brasil é uma asneira! Eto Glupost!⁵ É uma asneira! De modo que não leve a sério isto. É uma estupidez. A linha era nossa! "Era um bloco nacional, uma frente única nacional abarcando o proletariado, os camponeses, as massas da pequena burguesia urbana e a chamada burguesia nacional. Tudo isso contra o imperialismo. E foi condenado como oportunismo de direita nessa conferência dos partidos comunistas em 30 em Buenos Aires. Então queriam me expulsar como traidor, porque eu não queria aceitar a revolução soviética imediata. E acusaram-me: "Você impediu a vitória da revolução soviética imediata no Brasil."

M.C. - Otávio, voltando lá para os nossos anos anteriores, em março de 1919, os anarquistas tentaram criar no Rio de Janeiro um partido comunista. Como você explica esse fato?

O.B. - Não tinha nada de comunista. Confusão dos anarquistas. Reflexo da revolução na Rússia. Eu fui escolhido como delegado de Alagoas nesse congresso. Quando chegamos à porta do Centro Cosmopolita para a primeira reunião, a Polícia estava lá, a porta fechada, não pudemos entrar. Fomos, então, para o sindicato União dos Operários em Construção Civil, e, ali mesmo, o congresso dissolveu-se. Não fez nada. Por isto: não tinha espírito de organização, não tinha compreensão. Pensavam que Lenin era anarquista e que a revolução na Rússia tinha sido revolução anarquista. Quando descobriram que os anarquistas eram presos na Rússia, eram perseguidos, então viraram contra. Emma Goldman, uma anarquista que esteve lá, publicou uma série de artigos cá no Ocidente, aí viraram contra a Rússia. E por isso esse partido não tinha nada de comunista.

M.C. - E como é que você explica a difusão do anarquismo no Brasil, nessa época?

O.B. - Você me perguntou sobre o individualismo, não é? Se o indivíduo trabalha sozinho, por exemplo, um artesão, um sapateiro artesão, ou alfaiate, trabalha sozinho, fatalmente ele tende a ser individualista, queira ou não queira. O intelectual. Porque a maioria dos intelectuais é individualista e é uma luta tremenda para virar a cabeça deles. Porque eles trabalham sozinhos, são artesãos. Então é muito difícil que eles não sejam individualistas. Então a Construção Civil, centro de anarquismo; sapateiros "Luís XV," centro do anarquismo, tinham de ser individualistas...

M.C. - Eu queria perguntar o seguinte: o anarquismo, enquanto ideologia definida e consciente, era abraçado pela base, ou seja, pela massa dos operários dos sindicatos, ou só pelas lideranças?

O.B. - Era uma vanguarda. Era só uma vanguarda que dirigia aquela massa, que era anarquista. A massa era levada pelos interesses econômicos, aumento dos salários, dia de oito horas. Esta é a dolorosa realidade. Aliás, nós sempre separamos: massa e vanguarda. Precisa a vanguarda para dirigir. Uma não

passa sem a outra. Mas querer que essa massa já tenha consciência, isto só depois de muitos anos de luta. Mas a burguesia, o governo Epitácio, depois Bernardes, estado de sítio, quatro estados de sítio, não permitiram o nosso trabalho.

M.C. - Na época em que você era anarquista, vocês já faziam essa diferença entre vanguarda e massa?

O.B. - Não, isso ficou consciente sob a influência de Lenin, o livro dele em 22: A moléstia infantil do esquerdismo no comunismo. Mas na prática, tal coisa: teoricamente nós não podíamos ter essa compreensão nítida; mas na prática era assim, de fato, formavam uma vanguarda.

M.C. - Agora, Otávio, nessa época você era anarquista. E os anarquistas tentaram criar um partido...

O.B. - Eu fui delegado. E ali mesmo morreu.

M.C. - Você via alguma contradição entre a idéia de se criar um partido e ser, ao mesmo tempo, contra a luta política partidária?

O.B. - Bem, eu li Bakunin, li Kropotkin, li Sebastião Faurre, li toda esta gente. E não tinha, assim, uma opinião firme sobre tudo isso. Fui levado um pouco pela corrente. Não tinha. Porque o anarquismo não oferece margem para a gente compreender essas coisas. O programa era a greve geral e revolução. E depois? E depois...? Ninguém sabia nada. Não era eu, que tinha começado outro dia que...

M.C. - Mas na Internacional, como é que foi a sua participação?

O.B. - Também: cinco anos de ostracismo. Brigando, brigando, acabou com uma desgraça. Bota um caboclo no mundo e ele vai brigar com todo mundo.

M.C. - Mas você brigava contra o que, lá na Internacional?

O.B. - Contra a Internacional mal-orientada. Ela achava que a revolução estava garantida no Brasil. Vitória da revolução. E um bando de sujeitos garantia a vitória da revolução em 35. Eu dizia não. Eu dizia: "Não há nenhuma condição para nenhuma insurreição armada. O que fazer: reorganizar a Aliança Nacional Libertadora e recomeçar. Propaganda, agitação, organização, educação dos operários e dos brasileiros." Perguntavam: "Quantos anos?" "Não sei." Diziam: "Como você quer, é muito lento e é muito difícil." Eu dizia: "E como vocês querem é fogo de palha, não vale nada." E até o dia, até a hora da derrota da insurreição da Praia Vermelha, eu fui afastado de todo o trabalho político, como um homem que não entende o seu país. Cinco anos e meio de ostracismo. "Não entende o seu país." Pronto, até a hora da derrota da insurreição.

M.C. - Agora, você recusava a insurreição comunista, de 35, em nome de quê?

O.B. - Falei cinco horas uma vez. Três horas num dia, duas horas no outro dia. Mostrando: "O proletariado... Há uma confederação no papel. O sindicato não tem força nenhuma. Os camponeses são ainda piores. A Aliança Nacional Libertadora abandonou os camponeses. A pequena burguesia só tem uma vanguardazinha; as massas, nada. A burguesia nacional não quer nada com a Aliança Nacional Libertadora. Então, fazer a insurreição com quem? Com quem?" Todo o ano de 35. Então fui afastado como um homem que não entende o seu país.

M.C. - E, Otávio, nesse período, quer dizer, durante a década de 20, foi importante ou difícil a luta contra o anarquismo no seio do movimento operário?

O.B. - Foi difícil: primeiro, eles ainda tinham certas posições em sindicatos como Construção Civil, Sapateiros etc., e, muitas vezes, os comunistas não souberam defender uma política de frente única, de fraternidade etc. e transformaram o anarquismo [riso] no inimigo principal. Na Construção Civil e nos Sapateiros houve lutas tremendas. Houve uma reunião nos Gráficos, e a polícia assassinou um anarquista e um simpatizante do partido nessa reunião. Eu escapei por um triz. Escapei nos últimos segundos. Quando eu vi que ia começar o tiroteio e que eu não podia fazer nada, desci as escadas. Ainda estava no começo das escadas, quando começou o tiroteio. Mataram o Antonino, que era anarquista, e mataram um rapaz que era simpatizante do partido, gráfico. Coisas assim.

R.L. - E você defendia uma política de frente única com os anarquistas?

O.B. - Frente única. Mas a luta tomou tal aspecto, que já não era mais possível a frente única.

M.C.- Agora, você acha, Otávio, que o fato de o partido ter transformado o anarquismo em inimigo principal, enfraqueceu, de alguma forma, o partido junto ao operariado?

O.B. - Não, porque aí os sindicatos estavam reduzidos a esqueletos. Os anarquistas depois de 20... Em 21 os sindicatos eram reduzidos a esqueletos. E o partido nasceu em 22. O partido fez tentativas de frente única. Os anarquistas sempre recusaram, sempre, sempre! Nada, nada! E escreviam essas coisas infames. Conhecendo pessoalmente. Coisas infames. Marques da Costa, Oiticica, todo mundo.

R.L. - E, dentro do partido, não tinha setores que se opunham a uma aliança com o anarquismo?

O.B. - Que eu me lembre não. Havia camaradas como Sebastião Figueiredo, uma boa pessoa, Sebastião Figueiredo, alfaiate artesão... Ele publicou um artigo, dizendo: "Eu aderi ao Partido Comunista, porque é o único meio de realizar o anarquismo." O Partido Comunista é que vai realizar o anarquismo..., quer dizer, sem Estado, sem poder, sem ditadura. Havia gente assim; em tamanha confusão.

R.L. - Otávio, eu queria saber o seguinte: como é que se deu a aproximação do Astrojildo Pereira dos princípios da III Internacional?

O.B. - Bem, ele tinha uma biblioteca esplêndida e foi recebendo livros e materiais. Depois o Nequete esteve no Uruguai e lhe deram materiais que, inclusive, ele trouxe para cá. Então Astrojildo cometeu um erro fazendo de Nequete o secretário do partido. Nequete não tinha nenhuma capacidade para nada de nada. Ele foi preso... Houve o 5 de julho de 22, a insurreição de Copacabana, e os comunistas estavam lá, na sede, como se nada tivesse havido. Bom, a Polícia foi lá e prendeu tudo. Quando Nequete chegou na Polícia - pensava que aqui fosse como na Europa - disse: "Eu é que respondo por toda esta gente." [riso] O Pereira, nosso velho conhecido, disse: "Quem é você?" "Eu sou Abílio de Nequete, eu sou o secretário do partido. Eu é que respondo por todos." "Abílio de Nequete? Você é brasileiro?" Ele disse: "Sou brasileiro." "Você não é brasileiro, você é um turco. É um turco safado, sem-vergonha." Viu? "Vá-se embora. De onde que você é?" Ele respondeu: "Sou de Porto Alegre." "Vá-se embora; senão, volta para aqui e leva uma surra, uma surra daquelas." Bom, Nequete chegou lá, onde eu trabalhava. Sentou na cadeira e disse: "Estou morto." Eu já sabia. Digo: "O que é, Nequete?" Ele falou: "A Polícia disse isso." Eu falei: "Eu já não disse a você que aqui não era brincadeira, que a gente era preso e apanhava, pelo menos soco?" Pois ele tomou o primeiro navio e foi embora para Porto Alegre. E lá voltou a ser barbeiro, no final brigou com os outros, e os outros acabaram expulsando-o. Então o centro de Porto Alegre, aí é que se desenvolveu. Ficou com aquela organização dos cinco oprimidos... Parece 17, 18, 19, 20, 21, 22 - cinco oprimidos. Conversava fiado, é assim. Sempre tinha citações de Lenin. E eu dizia: "Nequete, isto aqui não é brincadeira não." Ele uma vez olhou, e eu disse: "Aquele que está ali em frente à farmácia, está vigiando aqui, aquele é da Polícia." E ele me disse: "E aqui andam como nós?!!" E digo: "Mas então que agente secreto se..." E ele: "Lá em Porto Alegre não; eles andam fardados." Aí eu disse: "Não são agentes secretos." [riso] Coisas assim.

R.L. - E qual era a prática política do Astrojildo Pereira antes do...?

O.B. - Anarquismo, dez anos mais ou menos.

R.L. - Agora, antes da fundação do Partido Comunista, havia alguns grupos comunistas, não é?

O.B. - Não sei.

R.L. - Grupos comunistas que antecederam o partido.

O.B. - Houve o Grupo Comunista de Astrojildo em 7 de novembro de 21. Já pensando em se transformar em partido - 7 de novembro de 21 - Grupo Comunista.

R.L. - Grupo Comunista do Rio de Janeiro.

O.B. - É.

R.L. - Esse grupo aceitava aquelas 21 condições da Internacional?⁶

O.B. - É. Mas Astrojildo fez mais propaganda desse material que ele recebeu sobre a revolução na Rússia, sobre Lenin. Aí provou que Lenin não era anarquista, que a revolução não foi anarquista. Representou um papel importante.

R.L. - E qual era a penetração, a importância da revista Movimento Comunista?

O.B. - Bem, ela teve muita importância pelo seguinte: porque defendia a revolução na Rússia, explicava o marxismo, publicava materiais diversos, artigos e tudo isso. Então foi orientando essa gente que não tinha nada na cabeça. Ainda pensava que Marx era um reformista, social-democrata. Pensava ainda que Lenin era anarquista, que a revolução foi anarquista. E a revista foi orientando sobre o marxismo e a revolução na Rússia. É a importância dela. Mas era muito sectária, muito estreita, pequena. E um círculo restrito. Aliás, toda a vida de Astrojildo é assim. No Recife, em São Paulo, no Rio, em Porto Alegre, é assim. E a Polícia liquidou em 23.

M.C. - Agora, Otávio, eu já estive uma vez com alguns números dessa revista no arquivo do Leuenroth. Andei folheando a revista e vi que lá, na revista, existia uma série de proposições de como reorganizar os sindicatos.

O.B. - Isto desde o princípio.

M.C. - E quais eram essas proposições, quer dizer, estavam baseadas em quê?

O.B. - Nós queríamos... queríamos não, nós recrutamos operários para todos os sindicatos onde tínhamos alguma influência: União dos Operários em Fábrica de Tecidos, Sindicato dos Metalúrgicos, da Construção Civil, dos Sapateiros, do Centro Cosmopolita. Tínhamos o jornalzinho Voz Cosmopolita, que foi importante porque ativou o movimento entre os cozinheiros e garçons etc. e publicou a tradução do Manifesto Comunista de Marx e Engels. Depois, lá no Rio Grande do Sul, os camaradas publicaram em folhetos, mas isso já foi em 24, 25. E em 23 Voz Cosmopolita publicou uma série. Então fomos trabalhando, militando nos sindicatos, fazendo conferências nos sindicatos, contra a vontade da Polícia. Acabava a Polícia invadindo, prendendo a torto e a direito, mas nós insistindo: fazendo conferências nos sindicatos e explicando a revolução da Rússia e o marxismo nos sindicatos. E recrutando, recrutando grupos, aqui, ali e acolá

M.C. - Havia algum projeto de reorganização da estrutura sindical?

O.B. - Bem, posteriormente, a Internacional Comunista aprovou um documento geral para a reorganização sindical. Mas isso não me lembro quando. Nós já tínhamos reorganizado em parte. E em 27 fundamos, depois dessa luta de 26 contra os amarelos, a Federação do Rio de Janeiro e, em 29, a Confederação. Mas já foi depois

R.L. - Otávio, vamos voltar aqui para a época da fundação do partido. Eu queria saber o seguinte: as 21 condições da Internacional Comunista correspondiam às necessidades do movimento operário brasileiro?

O.B.- Mais ou menos. Com a tradição de anarquismo, tradição de federalismo, tradição de irresponsabilidade. Precisávamos fechar as portas. Assim, de memória, não me lembro. Mas precisávamos fechar as portas, impedir a entrada de reformistas, a entrada de anarquistas, criar um verdadeiro Partido Comunista baseado no marxismo, pelo menos subjetivamente. Sebastião Figueiredo pensava assim, mas era fiel ao partido, e nós não podíamos expulsá-lo por causa disto. As 21 condições eram necessárias. Mesmo... sobretudo na Europa com aquela social democracia reformista, cada um querendo ser ministro. Havia os ministros sociais-democratas, socialistas, havia os ministráveis, os candidatos a ministro. Ah! Sobretudo na Europa, porque foi feito, sobretudo, para a Europa.

R.L. - Pois é. Essas 21 condições não seriam uma receita, assim, pronta, preparada antes?

O.B. - Bem, uma vez Lenin criticou porque disse que os documentos da Internacional eram russos demais e precisava de mais flexibilidade. Mas isso era Lenin, viu? Isso não era tarefa para Zinoviev e companhia, presidente da Internacional Comunista. Havia outros homens como Dimitrov. Dimitrov era um homem de extrema *souplesse*, como dizem os franceses, aquela flexibilidade. E, por isto, ele ganhou a batalha no tribunal nazista em Leipzig. Se fosse um sectário, iria fazer uma leitura [riso] de um documento da Internacional, e o Hitler mandaria cortar a cabeça. Mas não, estendeu as mãos para todo mundo.

R.L. - E, na fundação do partido, o que foi mais importante: a influência da Internacional Comunista, ou as necessidades reais do movimento operário?

O.B. - O que mais influenciou foi a nossa experiência no Brasil, quer dizer, a bancarrota do anarquismo, a derrota daqueles movimentos, aquelas greves derrotadas - a nossa experiência. Astrojildo tinha dez anos de anarquismo. E a nossa experiência, porque os materiais foram muito poucos.

M.C. - Agora, o Astrojildo nunca foi um... Ele foi um líder muito militante dentro do sindicato, ou mais um intelectual, um jornalista...?

O.B. - Essa era a desgraça dele. Ele era um jornalista brilhante. O amigo fiel da União Soviética, devotado ao partido. Mas teve dez anos de anarquismo, quer dizer, entortou a boca. Não estudou o materialismo dialético. Nem filosofia. Nunca o vi estudando filosofia. Ele conhecia muito literatura em geral: francesa, espanhola, brasileira, latino-americana etc. Mas uma das falhas principais é que não estudou o Brasil, não estudou a filosofia, o materialismo dialético. E sobre o material histórico é toda uma série... Borboleteou através de umas tantas brochurinhas mal traduzidas. É a desgraça dele. E chegava a hora... "Vamos para as fábricas, para as portas das fábricas, já que não somos operários, vamos para os bairros..." Ele não ia, ia aos sindicatos. Não era um orador, assim, empolgante; era um jornalista brilhante, mas não um orador empolgante. Esta é a desgraça dele.

R.L. - Otávio, você falou que na fundação do Partido Comunista a influência da Internacional não foi muito grande. Agora, na organização do partido qual foi a maior preocupação: obedecer às 21 condições ou adaptar-se à realidade da classe operária?

O.B. - Obedecer às 21 condições. Agora, digo, a influência dela não foi grande... a influência assim, como... direção da Internacional, mas a influência ideológica foi imensa: os livros, os manifestos, tudo. A influência da Internacional foi sobretudo a influência ideológica da Internacional na nossa experiência no Brasil. E nós tratamos de adaptar as 21 condições, mas procurando sempre as massas. Onde estão as massas? Fazendo aquelas listas. As maiores empresas do Rio de Janeiro: fábrica Corcovado na Gávea, fábrica São Félix na Gávea, fábrica Carioca na Gávea, fábrica Aliança nas Laranjeiras, Moinho Inglês. Vamos à hora do almoço conversar com esses operários. E metíamos luta de classe, luta de classe. Isto foi decisivo. Virando a cabeça dos operários e criando pequenos grupos - mas isto já foi em 25 - pequenos grupos de operários, explicando as coisas: o que é imperialismo, porque o Brasil é um país...

R.L. - E, fora essa tarefa educativa que vocês tinham, qual era a alternativa política que propunham?

O.B. - Bem, nós queríamos uma frente única: proletariado, camponeses, pequena burguesia urbana - burguês, chamávamos burguesia industrial - contra o imperialismo. E muito material contra o imperialismo.

R.L. - Vocês propunham isto para os operários?

O.B. - Sim, em toda parte, em toda parte...

R.L. - E como é que era a aceitação disto por parte dos operários?

O.B. - Os operários aceitavam. Mas depois isto foi caracterizando como oportunismo de direita. Em nome dos soviets: 1924, página 235...

M.C. - Que trabalho é este, Otávio?

O.B. - É biografia. Fui buscá-la, trouxe para aqui. O pensamento de 1924 em Agrarismo e industrialismo: "Compreendamos que sem a bússola teoria, naufragaremos completamente no meio do caos atual. Unamos diariamente a teoria marxista-leninista à luta prática revolucionária e vice-versa." Está aqui: defesa da teoria. Agora, sobre o materialismo dialético, textual: "Estudemos os fenômenos sociais à luz da nossa dialética, da nossa filosofia, o materialismo dialético. O materialismo como a própria ciência em constante elaboração. O materialismo que só admite a ciência positiva da natureza e da história, um materialismo militante, proletário, que destrói a ciência e a literatura reacionária. Conhecer a fundo o Brasil. Estudemos a fundo o Brasil em seus mil aspectos. É no Brasil que teremos de realizar a obra do leninismo." Então

vêm, assim os pensamentos de 1924 sobre o imperialismo. Tem muitas coisas contra o imperialismo, não só o imperialismo em geral, mas, também, imperialismo no Brasil, contra os imperialistas.

R.L. - Otávio, eu queria fazer uma pergunta. Vou perguntar outra coisa: nessa época da fundação do partido, o que significava aquela estratégia ofensiva a curto prazo da Internacional Comunista?

O.B. - Isso foi, que eu saiba, da primeira etapa cravada de revoluções mundiais, aqui, ali, de movimentos mundiais - primeira etapa. Já na segunda etapa, veio a estabilização relativa do capitalismo. O capitalismo com uma estabilização relativa, não sólida, mas, de qualquer forma, já não havia mais condições para revoluções e lutas. Então a ofensiva foi da primeira etapa.

R.L. - Mas, quando o partido foi fundado, era essa a estratégia dominante da Internacional?

O.B. - Da Internacional? Ofensiva?

R.L. - Em 22.

R.L. - Mas, de qualquer forma, ela se adaptava às condições brasileiras?

O.B. - Não. Quatro anos de estado de sítio, como se podia desencadear a ofensiva? Pelo contrário, a gente caía na defensiva, num trabalho miúdo, metódico, sistemático, aqui, ali e acolá. Para criar aqueles primeiros militantes. Ensinando as coisas mais simples: classe, luta de classe, por que luta de classe. É assim, não podia haver nenhuma ofensiva. Só vendo os documentos da Internacional.

R.L. - Otávio, como é que decorreu o I Congresso do partido?

O.B. - Bom, vieram nove homens representando 73 membros do partido em todo o país. E o líder Astrojildo dá os detalhes. Leram as 21 condições, alguns materiais trazidos pelo Nequete, do Uruguai. E foram... e fundaram o partido, nove homens. Escolheram o Nequete como secretário. Começou errado. O Astrojildo faz uma defesa do Nequete, ainda no livro dele. [riso] Porque o [inaudível] deu uma tunda danada no Nequete, Astrojildo ficou tonto. E o Dulles diz que conheceu o filho de Nequete. Disse: "Era um bom homem, o filho me contou, era um bom homem." Um desgraçado, viu? Atrapalhou a vida da gente.

R.L. - Quais foram as principais teses discutidas?

O.B. - Primeiro, só você vendo no livro do Astrojildo.

R.L. - Você não se lembra?

O.B. - Ah, isso sim. Mesmo porque eu não era membro do partido, não assisti ao congresso e não era membro do partido. Aderi em outubro.

R.L. - Me diz, então, uma coisa, que o Astrojildo não diz. Havia posições discordantes entre esses nove membros?

O.B. - Discordante não, havia uma euforia geral - fundar um partido comunista no Brasil, em nome da Internacional Comunista. Uma euforia. E o Nequete jogava as citações de Lenin a três por dois, sem pé nem cabeça. Eu agüentei não sei quantas vezes o Nequete com citações de Lenin.

M.C. - Otávio, você, quando fala em anarquismo e critica a ideologia anarquista, fala no problema do individualismo do anarquista. Agora você estava falando do crescimento do partido, quer dizer, do aparecimento...

O.B. - O artesão também é individualista.

M.C. - Exato, mas você está falando do crescimento do partido, o partido se tornando um organismo de massa. Eu queria perguntar: o anarquismo também era contra a delegação de poder, quer dizer, dentro do sindicato não poderia haver um representante que falasse em nome da...?

O.B. - A prática era mais forte que a teoria. Kropotkin dizia: "Os homens são homens e não pode dar uma parcela de autoridade ao indivíduo sem o corromper." Então não há nenhuma solução... [riso]. Mas a prática mostrou que era preciso delegar poderes a a, b, c, ou d, pelo menos esses representantes dos comitês de fábricas.

R.L. - E aquele debate que existiu na União Soviética entre os partidários da revolução mundial e os da revolução num só país? Atingiu o partido aqui nessa época?

O.B. - Não, porque nós vivíamos preocupados com problemas imediatos: a vida dos trabalhadores, a aliança com a Coluna Prestes, a luta contra o imperialismo. Vivíamos preocupados com esses problemas imediatos: problemas teóricos, problemas políticos ou problemas econômicos.

R.L. - Bom, Otávio, hoje a gente queria conversar um pouco sobre a fundação do partido, a gente começou a ver na última vez. Você lembra?

O.B. - Vamos ver.

"Partido Comunista do Brasil, PCB. Nasceu no Rio de Janeiro a 25 de março de 1922, sob a influência da revolução socialista de outubro de 1917 na Rússia, sob a influência da Internacional Comunista e da doutrina de Marx, Engels e Lenin. O Partido Comunista nasceu dos ensinamentos da primeira grande vaga de greves operárias e movimentos populares de 1917 e 1920 no Brasil. Duas origens. Surgiu como o produto e o herdeiro das tradições nacionais progressistas brasileiras, isto é, dos combates dos índios e negros contra o escravismo. Dos movimentos pela independência nacional, como o de Tiradentes, as lutas

dos abolicionistas e republicanos. O Partido Comunista do Brasil representou um papel de educador no processo de desenvolvimento da consciência social, nacional e internacionalista.”⁷⁷

R.L. - Explica para a gente um pedaço dessas influências. Como é que foi, por exemplo, a influência da Internacional Comunista?

O.B. - Bem, através do Uruguai. O Nequete foi ao Uruguai e trouxe de lá uma série de publicações, em espanhol. Então Astrojildo leu esses materiais e outros camaradas leram. Através do Uruguai, porque havia lá o Partido Comunista.

O.L. - Então o Nequete é o primeiro a introduzir uma literatura marxista?

O.B. - Não, foi Astrojildo. O Nequete apenas foi um portador que trouxe essa literatura. Ele não tinha base teórica sólida, era um charlatão, que a três por dois citava Lenin sem pé nem cabeça. Para nos esmagar, entende? Porque nós não tínhamos lido Lenin. E ele citava Lenin a três por dois. Não tinha caráter, não tinha firmeza. Bastou uma simples prisão para ele se acovardar. Ele chegou a prisão, em julho de 1922. E pensava que aqui era como na Europa... [inaudível] parece que 14 presos. E disse: "Eu é que respondo por toda essa gente." E o agente Pereira: "Quem é você? Como é que você se chama?" E ele: "Abílio Nequete." "Você é turco, não é? Seu turco sem-vergonha, vá-se embora do Rio de Janeiro, para onde quiser, e não fique mais aqui senão você será preso e levará uma surra.". No dia seguinte ele foi lá onde eu trabalhava, sentou-se na cadeira e disse: "Estou morto." Eu já sabia... [riso] Digo eu: "Morto por quê?" E ele: "São uns desgraçados, uns miseráveis, aqui eles andam como nós. No Rio Grande do Sul a polícia política anda fardada. Então a gente já sabe quem é a polícia política." [riso] Eu digo: "Aqui nunca andou fardada, polícia política nunca andou fardada, anda como nós, e muita gente se engana, pensando que são simples homens do povo."

R.L. - Agora, Otávio, o Foster Dulles diz que o Manuel Cendón era, daqueles fundadores, talvez o que tivesse maior formação marxista.

O.B. - Não tinha formação marxista, apenas não era anarquista. Ele esteve na Argentina muitos anos. E lá foi influenciado pelo Partido Socialista da Argentina e não representou, assim, um papel especial defendendo o socialismo no Brasil. Depois da fundação do partido, então é que ele ajudou o partido no sindicato. É exagero do Foster Dulles.

R.L. - Agora, Otávio, como é que era a estratégia de aproximação dos comunistas, nesta época, com relação aos sindicatos? Como é que isso era feito na prática?

O.B. - Havia comunistas que eram membros naqueles sindicatos. E eles serviram de correia de transmissão, de penetração, de infiltração.

R.L. - Já havia comunistas nesses sindicatos?

O.B. - Dentro dos sindicatos. Às vezes eram muito poucos, e nós pegávamos esses poucos e começávamos a politizar. Repetindo, repetindo, ensinando, dando alguns folhetos, quando sabiam ler. Às vezes não adiantava, não sabiam ler. E quando não tínhamos ninguém, nós íamos virar a cabeça dos operários. Virar a cabeça dos operários, ensinando os princípios de Marx, Engels e...

R.L. - Como é que vocês penetraram, fazendo conferências? Como é que era?

O.B. - Fazíamos conferências, reuniões ilegais. Às vezes ficávamos na porta da fábrica. Ficava, por exemplo, uma hora, na hora da saída, para encontrar um operário. João Borges Mendes era operário tecelão do Moinho Inglês. A primeira vez eu o encontrei, em 25, na redação do jornal *A Classe Operária*, junto à Light. Nós dissemos: "São as duas potências: a Light, de um lado; e nós – chamávamos jornal *A Classe Operária – A Classe Operária*, aqui. Pois bem, são duas potências. E, de fato, era o imperialismo e o socialismo mundial. João Borges Mendes foi lá ao jornal comprar um folheto. Quando ele ia saindo, por um acaso eu estava no jornal. Porque eu não ia, era um perigo. Eu estava fazendo o plano para... Eu digo: "É operário?" Ele disse: "Sou." E eu: "Onde trabalha?" E ele: "Moinho Inglês." Quando ele disse Moinho Inglês, para mim era como se ele fosse um barão, um ministro, um maçom. [riso] Eu digo: "Você pode perder um pouco..." Ele disse: "Posso." Comecei a conversar com ele e ficamos amigos. Mas depois o jornal foi fechado, e perdemos a ligação. Ele é que ia procurar-nos. Então, eu fui para o portão do Moinho Inglês, quatro horas da tarde, sentei-me numa pedra e fiquei olhando um por um aquela massa enorme de operários, centenas, pelo menos centenas... um por um, até que ele apareceu. Eu digo: "Onde você mora?" Ele disse: "Moro aqui perto." E eu o acompanhei e reatamos. Às vezes era assim, com um esforço muito grande.

M.C. - Quer dizer que, na verdade, eram, vamos dizer, duas estratégias: uma de penetrar nos sindicatos que já existiam, e lá, às vezes, se travava uma luta com elementos anarquistas?

O.B. - Com os anarquistas! Às vezes acabava a luta em tiroteio. Um simpatizante do partido foi morto numa reunião no Sindicato dos Gráficos, e o anarquista Antonino, parece, foi morto também. Duas mortes, acabou em tiroteio. A Polícia foi que matou... Os anarquistas provocando, os amarelos provocando, acaba em morte - muito difícil. Foi uma luta desesperada de 22 a 26 contra os anarquistas.

R.L. - Em 26 os anarquistas saíram do movimento operário?

O.B. - Não saíram, mas estava esfacelado. Mesmo porque a Polícia de Bernardes expulsou uma parte para Clevelândia. E os estrangeiros expulsou para os seus países.

M.C. - Quer dizer, então, além da penetração nos sindicatos que já existiam, vocês começaram trabalhos junto às massas operárias, quer dizer, massas não sindicalizadas?

O.B. - Não, massas completamente virgens e, às vezes, analfabetas. Perguntavam: "Posso entrar para o partido?" Eu dizia: "Pode entrar." Ele falava: "Mas eu sou católico." "Pode entrar." Ele falava: "Eu sou protestante, sou espírita." Eu digo: "Pode entrar, lá dentro vocês vão aprender a ler, uma porção..." E, de fato: era um trabalho de anos e anos no meio dos operários para criar essa ossatura operária, que o partido criou, mas que custou um esforço tremendo. Católicos, protestantes e espíritas. E, às vezes, não queríamos discutir religião, mas era preciso discutir religião, que, do contrário, eles iam para reunião religiosa e não às reuniões do partido. E macumbeiros, o diabo! Chegava a hora da macumba iam embora para a macumba, não iam ao partido. Então precisava-se travar uma luta, uma discussão tremenda para convencê-los que a macumba não tinha sentido. E assim, às vezes, a luta política se transformava em luta anti-religiosa. Porque, do contrário, não iam. Aí esses camaradas... Por exemplo, Cristiano Cordeiro criticava: "Mas isso é um perigo: travar a luta pelo materialismo dialético no meio de massas..." Mas o que fazer? Não iam, então, ao partido. A coisa era essa... Ainda preparei um folheto contra espiritismo, [riso] coisas contra a catolicismo, contra o protestantismo. Reli a Bíblia, pegava a Bíblia e metia na cabeça. E dizia: "Isto está errado. Cristo disse: Bem-aventurados os pobres de espírito...". Pobre de espírito não; rico de espírito. Assim, discutindo, discutindo. Mostrava outro trecho, Cristo disse: "A ninguém façais violência." Digo: "Mas isto é um absurdo. Então não vamos lutar contra a burguesia? Não é possível! Não vamos lutar contra o governo?!" Discussões tremendas até convencê-los.

M.C. - Desse trabalho anônimo junto às massas operárias, surgiram sindicatos novos além daqueles...?

O.B. - Assim eu não me lembro, mas surgiram sindicatos novos.

M.C. - Ligados ao partido?

O.B. - Ligados ao partido. Eu, no Engenho de Dentro, oficialmente havia um... na realidade não havia sindicato nenhum e surgiu um sindicato ligado ao partido. Sindicato dos Trabalhadores da Locomoção. Oficina de Reparação da Central do Brasil. Uma massa enorme, assim.

R.L. - Otávio, o trabalho do partido era feito principalmente em termos de sindicatos, ou vocês faziam trabalho diretamente nas fábricas?

O.B. - Bom, eu não era operário, então chamava esses operários na hora do almoço e íamos conversar com os operários ali na calçada. Nesse tempo era bóia-fria. Eles comiam o almoço deles na calçada. Trazia a bóia de casa. Não havia restaurante, nada. Então íamos conversar na hora do almoço com eles. Quando surgia mais um grupinho, aí íamos fazer comício às quatro horas da tarde.

R.L. - Então vocês procuraram canalizar esses operários para os sindicatos?

O.B. - Para os sindicatos.

R.L. - Para o partido diretamente?

O.B. - Não. Quando eles pediam para aderir ao partido, alegavam: "Eu sou analfabeto ou sou um católico, protestante..." Eu dizia: "Lá dentro você vai compreender tudo isso, pode aderir." Com os intelectuais não; éramos mais exigentes. Falava-se: "Você é católico. Mas que intelectual é você? Você não leu a Bíblia, você não estudou os livros de Marx, Engels e Lenin, como é que continua católico?" Aí era mais a exigência. E mesmo os intelectuais não queriam aderir de nenhuma forma. Falei com meio mundo, fui procurar meio mundo. Não queriam... Essa coisa de perder o emprego, andar procurando emprego e não encontrar. Depois prisão, ameaça de prisão sempre, quatro anos de estado de estado de sítio. Ninguém queria.

M.C. - E internamente no partido, como é que era organizada essa ação? Tinha o comitê de propaganda, como é que era?

O.B. - Tinha a CCE, Comissão Central e Executiva, nós chamávamos CCE.

O.B. - ...Comissão Central Executiva, e várias comissões: havia o tesoureiro, havia a agitação e propaganda, havia o trabalho sindical e o encarregado respectivo dessas tarefas dentro da CCE. E a CCE, mesmo com estado de sítio, sempre se reunia aqui, ali e acolá. Às vezes lá em casa, quando a Polícia não sabia, da rua do Curvelo 11. Era um casebre ameaçando cair, e, às vezes, a CCE se reuniu lá. Outras vezes na rua General Pedra, perto da Central do Brasil. Sempre nos reuníamos em todo o estado de sítio. E dirigíamos as lutas, traçávamos tarefas, tudo isso.

M.C. - Então voltando: além da CCE, quais eram os outros órgãos específicos ou subórgãos do partido?

O.B. - Bom, havia as futuras células, que, a princípio, eram organizações... Esqueci o nome, futuras... transformadas depois em células de partido aqui, ali e acolá. E nós procurávamos criar células de empresa e não células de bairro.

R.L. - Vocês não faziam trabalho de bairro?

O.B. - Não. Pelo seguinte: aquilo não tinha nenhuma coesão. A pessoa se mudava da moradia e pronto: abandonava a célula. Ao passo que com a célula de empresa ficavam sempre ali, naquela empresa...

R.L. - Cada fábrica uma célula?

O.B. - Isso, exercendo influência naquela empresa. Até ao ponto que houve coisas que hoje seriam impossíveis. Um dos órgãos do governo era o jornal *O País*, órgão... jornal reacionário desgraçado, de

tradição reacionária. E apoiava o governo 100%. Pois um dia os operários do jornal foram à direção e pediram para que o jornal *A Classe Operária*, que era um jornal de trabalhador, oficialmente fosse editado nas oficinas maravilhosas do *País*. E a direção olhou, sondou e consentiu. De modo que essa coisa quase impossível, o jornal do Partido Comunista...

R.L. - Era o jornal oficial do partido?

O.B. - Não era oficial, mas era oficioso, era de fato. Jornal revolucionário pelo seu conteúdo. A forma muito mansa, mas pelo seu conteúdo jornal revolucionário. Editado nas oficinas do jornal mais reacionário do Brasil talvez. [riso]. Porque a direção compreendeu que aqueles operários fariam greve, iria dar embrulhada, e era hora da luta armada de Bernardes. Em 1925! Uma coisa hoje impossível, publicar um simples artigo quanto mais editar um jornal. Depois ele foi fechado, mas quando foi fechado já tinha feito grande parte do trabalho.

M.C. - Esses operários eram ligados ao Sindicato dos Gráficos ou não?

O.B. - Eram militantes da União dos Trabalhadores Gráficos e eram membros do partido. Entre eles, por exemplo: João da Ladéia, brasileiro, jovem, muito boa pessoa. João da Ladéia e outros. Coisas que nós conseguimos e que hoje seriam impossíveis.

R.L. - ...e essas células eram submetidas a quê?

O.B. - Bem, havia o comitê regional do Rio de Janeiro. Submetidas diretamente ao comitê regional. Como o comitê regional de São Paulo, de Pernambuco, vários comitês... e subordinados à CCE. E a CCE sempre intervinha aqui, ali e acolá. Naquele tempo não havia o culto à personalidade felizmente. Os operários tratavam os intelectuais de igual para igual e diziam as coisas. Diziam: "Eu não estou de acordo com a opinião do camarada fulano e tal. Estudou mais do que eu, mas não estou de acordo por isso e aquilo." E nós prestávamos muita atenção às opiniões dos operários. Porque, primeiro, o operário tinha um instinto de classe. Quando não tinha consciência de classe, tinham, pelo mesmo, o instinto de classe e, depois, eles viviam diretamente... não abandonavam a produção... diretamente ligados à produção. Então ouvíamos com muita atenção.

M.C. - Como é que você definiria esse instinto de classe?

O.B. - Pelo seguinte: um operário, pelas suas condições de vida, e sobretudo de trabalho, queira ou não queira, já tem instinto de classe. Quando nós chegamos com o marxismo, ele compreende rapidamente, sem dúvida, e aceita rapidamente...

M.C. - Essa idéia de instinto de classe, você com isso quer dizer que o operário tinha uma noção ou uma sensação de que ele era explorado, por exemplo?

O.B. - Elementar. Porque ele só tem o braço para vender, não tem mais nada, não possui mais nada. Trabalha em grandes empresas, trabalha no meio de máquinas, entende? Toda uma série de características e uma vida especial, que não tem o intelectual entre quatro paredes, artesão, individualista até ali, sempre confuso, chega a última coisa... E, quando, às vezes, me perguntavam: "Você já leu Wilhelm Reich?" Eu digo: "Agora eu li, mas antes não tinha lido." Quando cheguei da Europa me perguntavam: "Você leu Freud?" Eu digo: "Não, eu estudei Lenin e não Freud." Me perguntavam: "Você estudou aquele russo que escreveu *Uma volta ao feudalismo*?" É fácil ver o nome dele. [riso] Volta, queriam que eu voltasse ao feudalismo. Um russo. Eu digo: "Não! Não li não. Eu li Marx, Engels, Lenin." "Pois vá ler." Fui à Biblioteca Nacional para ler. Bergson etc. O intelectual se agarra à última moda. É um dos erros terríveis do intelectual. Última moda - ele vai ler e fica discípulo. Em outro dia, uma discussão tremenda por causa de um livro de Wilhelm Reich. Devolvi. Falei mais de uma hora e disse: "Isso é uma porcaria por isso, isso." Ele não ficou muito convencido, é natural. Todos intelectuais são assim. Ficam vacilando a vida toda. Vacilando entre o proletariado e a burguesia, vacilando entre o materialismo e o idealismo filosófico, vacilando entre a ciência e a mística. Ao passo que o operário não. Aquelas condições de vida e trabalho impõem uma mentalidade especial. Quando chega ao marxismo, é a sopa no mel.

M.C. - Mas se é sopa no mel, por que foi tão difícil transformar esse instinto de classe em consciência de classe?

O.B. - Oh! Isso é um processo lento. Precisa cultura, e eles não tinham nem sequer o à-bê-cê. Muitas vezes iam aprender o à-bê-cê dentro do partido. E para ser marxista, é preciso cultura. Às vezes dizem: "Não estou de acordo com suas idéias." Eu digo: "Quem disse que o senhor poderia estar de acordo? Para adotar as minhas idéias, seria preciso estudar como eu estudei. O senhor não estudou. Como pode adotar as minhas idéias?!" Quando o sujeito, no fim das conversas, vinha me dizer isso, fico zangado e vou dizendo grosserias. Ou então eu dizia: "Quem é que lhe meteu isso na cabeça? Eu sei que não foi o proletariado, não foi o Marx." E, às vezes, o sujeito no fim diz: "O senhor não me convenceu." E eu dizia: "E quem lhe disse que eu queria convencê-lo? O senhor está enganado. Nós vamos vencê-lo e não convencê-lo, que é muito diferente. Vencê-lo pelas armas, entendeu? Proletariado armado." [riso] O sujeito ficava danado e ia-se embora.

M.C. - Otávio, só uma pergunta: nesse período já havia alguma, vamos dizer assim, ação organizada por parte da Igreja no sentido de criar sindicatos católicos?

O.B. - Não. A Igreja era reacionária até a medula. A Igreja auxiliou a reação em Alagoas contra mim. Depois, vendo o perigo, a gente penetrando aqui, ali e acolá, ela foi se organizando. Agora talvez em

Minas, em algum estado desses, talvez a Igreja tenha feito alguma tentativa. Mas em geral não. Só depois, quando havia o perigo.

R.L. - Você falou, então, que existiam células, existia o comitê regional e acima dos comitês regionais, a CCE. Como é que era feita, por exemplo, a escolha do comitê regional? Eles eram indicados pelo comitê central ou eram eleitos pela base?

O.B. - Eram eleitos pela base. Havia o centralismo democrático. Não só a gente ouvia os intelectuais; ouvia os operários com muita atenção. Às vezes tinha de atendê-los contra a própria vontade, mas eles eram eleitos pela base. Havia o centralismo democrático. Daí a força do partido naqueles anos: no meio de quatro anos de estado de sítio desenvolver-se nas piores condições nacionais e internacionais. Porque uma das razões era esta: eles não podiam ler nem em português, quanto mais em francês ou espanhol.

M.C. - Havia muitos militantes negros?

O.B. - Muitos negros. E muitos amigos íntimos, comunistas, eram negros. Como Joaquim Nepomuceno, como o... Bem, só vendo, depois os nomes deles aqui.

R.L. - Quer dizer, vocês estavam mais preocupados em criar uma vanguarda operária?

O.B. - Operária. Uma das nossas falhas... Nós não podíamos compreender toda a teoria leninista sobre os camponeses. Então não demos aos camponeses a devida atenção. Uma das grandes falhas do partido. Mas fizemos este esforço; meter Lenin na cabeça de simples operários.

R.L. - Vocês não desenvolveram nenhuma tentativa nessa época com relação aos camponeses?

O.B. - Bem, alguns documentos meus.

R.L. - Mas em termos do trabalho político?

O.B. - Houve o seguinte... Eu me esqueci; Laura é que sabia. Aí no estado do Rio, numa zona, ela sempre ia bater lá - levava não sei quantas horas de viagem -, falar com aqueles camponeses. E houve em Sertãozinho, Ribeirão Preto, naquela zona toda, um camarada, Teotônio de Souza Lima. Uma maravilha. Era um fogueteiro, fabricava foguetes. O homem era uma dedicação extraordinária. Ele leu, por acaso, o jornal *A Classe Operária*, em 25, e aderiu ao partido. Então ele, fogueteiro, tinha um sindicato em Sertãozinho, estado de São Paulo e organizou esta coisa extraordinária: marcha de verdadeiros camponeses, colonos das fazendas de café, em direção à cidade de Sertãozinho para fraternizar com os operários. Uma coisa extraordinária. A outra coisa foi em Juiz de Fora. Reuni um grupo de operários e fomos aos arredores de Juiz de Fora, uma zona de fazenda de café. Penetramos lá. Fizemos comícios dentro da fazenda de café, e aqueles colonos assinaram um abaixo-assinado ao ministro da Justiça,

protestando contra o fechamento do nosso jornal *A Classe Operária*. Em 1925. Mas essas tentativas tiveram a falha de não serem sistemáticas, metódicas, planejadas. Apenas em Sertãozinho.

R.L. - E o partido, inclusive, não tinha um programa para os camponeses?

O.B. - Não tinha. Até hoje não tem programa agrário. E não é fácil, que para isto eu propus, ficou no papel. Levei dez anos propondo mandar jornalistas aos estabelecimentos agrícolas. Não iriam fazer propaganda nenhuma. Iriam apenas estudar as condições de vida e trabalho. O que é o seringal? Ele responderia. O que é a zona da castanha do Pará? O que é a zona do babaçu? O que é a zona da cana-de-açúcar? Os sertões do Nordeste, as fazendas de cacau, as fazendas de café de São Paulo, de Minas e do Paraná. O que é a estância do Rio Grande do Sul? O que são as fazendas de gado de Mato Grosso? Daria o quadro das condições de vida e trabalho. Publicaria esses materiais no jornal do partido, *Imprensa Popular*. Travaríamos a discussão sobre a base desses materiais e prepararíamos o programa agrário. Levei dez anos pregando isso inutilmente.

R.L. - Eu queria saber, voltando então para 22, como é que começa a se consolidar a organização interna do partido, como é que ele começa a constituir células...

O.B. - Bem, ele vai penetrando nos sindicatos, reorganizando os sindicatos, conquistando bons militantes sindicais. Ele vai penetrando nas fábricas, nos bairros operários, na Gávea. Nas Laranjeiras tinha uma fábrica de tecidos importante naquele tempo - foi liquidada. Lá no Engenho de Dentro, no cais do porto, entre os marinheiros e remadores. Penetrando aqui, ali e acolá. E criando camaradas que aderiram ao partido, sabendo que não iam ser vereadores nem deputados, sabendo que iam pegar cadeia, que levariam surras na cadeia. Então, aquela dedicação total e absoluta. Trabalhavam de dia. De quatro horas da tarde até de manhã, iam trabalhar para o partido, ou então até meia noite. Uma dedicação total. E ficavam firmes até o fim, até a morte. Os que morreram ficaram firmes até a morte. Porque nós não íamos enganar: "Vote em nós, apoie e você será vereador, deputado." Nada disso; é cadeia, é cadeia, fome e desemprego.

M.C. - E, nessa época, Otávio, o Partido era muito ligado a órgãos comunistas internacionais ou ele...?

O.B. - Recebíamos materiais da Internacional Comunista.

M.C. - Mas não havia uma interferência muito grande em termos de linha?

O.B. - Não, isso começou em 30.

R.L. - Em 30?

O.B. - Em 30. Interferência começou em 30, quando a Internacional criou o Bureau Sul- Americano em Buenos Aires.

R.L. - Que tipo de material era?

O.B. - Bom, eram documentos da Internacional Comunista. Artigos diversos sobre a situação internacional, discussões a respeito do problema colonial, e havia a revista *La Correspondance Internationale* de Paris, em francês. Uma pena ela ter desaparecido. Era uma revista oficiosa da Internacional, oficialmente não era nada, não tinha nada, nada, mas ela conseguiu uma coisa excepcional, porque os comunistas de cada país escreviam sobre seu país. Um mês, dois meses depois, a gente sabia. Tal acontecimento na Índia ou na China, na Indochina. Hô Chi Minh. Li muito artigo de Hô Chi Minh. Naquele tempo ele assinava Nguyễn Ai Quoc. E, assim, eu aprendi muitas coisas sobre a Indochina aqui no Rio de Janeiro. Então, árabes escreviam sobre os países árabes, e franceses, ingleses, alemães. Era uma revista maravilhosa. Nunca vi uma revista tão importante assim. Não era, por exemplo, um russo que escrevesse sobre a China ou sobre a Índia. Eram chineses sobre China, hindus sobre a Índia e assim por diante.

M.C. - Eu só não consigo entender uma coisa: se nesse período não havia praticamente nenhuma, vamos dizer assim, oposição ideológica dentro do partido no Brasil e ele definia uma linha de ação mais ou menos independente - uma linha de ação que tinha surgido de uma discussão interna de vocês, brasileiros, em relação ao Brasil - como que, de repente, em 30, quando a Internacional começa a ditar uma política diferente, há uma mudança tão abrupta? Quer dizer... se havia tanta coesão antes...

R.L. - O que houve com essa coesão?

O.B. - Bem, em 29 houve uma reunião em Niterói, e Leôncio Basbaum não conta a história direito. O Basbaum tornou-se o crítico esquerdista entre aspas, e o partido começou a escorregar para a esquerda entre aspas. Bom, a Internacional viu que o prestígio ia tomando conta do partido. Então, achou que isto era oportunismo de direita e resolveu combater o prestígio como inimigo principal. E toda aquela luta que nós travamos antes contra o imperialismo, tudo isso foi considerado como oportunismo de direita. Eu fui condenado como oportunista de direita na luta contra o imperialismo, na luta contra tudo isso.

R.L. - Outra coisa que eu queria saber: qual era a prática que vocês propunham para os sindicatos, que tipo de atividades táticas?

O.B. - Bem, defender as reivindicações imediatas. Lutar para praticar, para... Como é que se chama? Para levar à prática a Lei de Férias. Bernardes deu, [riso] mas lutamos anos e anos e Bernardes escamoteou. Não aplicava a Lei de Férias. Conquistar leis, leis que Getúlio depois deu, chamando para ele as vantagens.

Lutamos anos e anos. Reforçar os sindicatos, consciência de classe. Criar federações, Federação dos Gráficos, Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro. Preparar a confederação que fundamos em 29. E aquela esperança: transformar os líderes sindicais em líderes políticos. E para isso recomendar: "Leia o Manifesto Comunista de Marx, leia isso, leia aquilo, aquilo outro." Infelizmente - uma de nossas falhas - não tínhamos dinheiro e, como edição, publicamos muito pouca coisa. Mas nos jornais onde pudemos, publicávamos muitas coisas, muitas, muitas coisas, onde conseguíamos. Na seção operária dos jornais burgueses, como *O País*, publicávamos uma quantidade de materiais. Onde tivemos uma brecha, e, assim, manifestos avulsos. Anos e anos...

R.L. - Essa luta que você falou contra os anarquistas, era uma luta em torno de que princípio, de que posições?

O.B. - Bem, primeiro que os anarquistas não aceitavam a teoria do Estado, que sem o Estado para a transição entre o capitalismo e o comunismo, seria impossível a revolução. Então a primeira coisa: a defesa do Estado. E citávamos o livro de Lenin, *O Estado e a revolução*. Tínhamos em francês ou em espanhol. Segundo: o anarquismo pregava a greve geral, mas depois não sabia o que fazer. O que fazer depois da greve geral? Não sabiam. Então as greves eram esmagadas, como na Espanha, na Itália, por toda a parte. Terceiro: o anarquismo queria que no futuro fossem pequenas comunas agrícolas, cada uma trabalhando por conta própria. Um federalismo horrível, sem nenhuma centralização. E nós achávamos que essas comunas não valiam nada que nem chegariam a nascer, que a burguesia... Não queriam o Estado, não queriam o Exército, nem Polícia, nem tribunais, então a burguesia esmagaria logo. Sem o Exército vermelho, a revolução não teria esmagado a contrarrevolução. Uma discussão em torno da Tcheka: é necessário ou não criar Tcheka. Eu tive que escrever um artigo mostrando todos aqueles grupos contrarrevolucionários, e exércitos contrarrevolucionários que o Exército vermelho esmagou e que a Tcheka acabou de esmagar. Tomou uma defesa tremenda... Drzjezinsky era muito odiado, porque era o chefe da Tcheka.

R.L. - Quer dizer que não era possível uma frente comum entre anarquistas e comunistas?

O.B. - Eles recusaram.

R.L. - Eles queriam... recusaram... os anarquistas.

O.B. - Antes de eu aderir ao partido. Eu... no período de transição do anarquismo para o comunismo, publiquei um artigo na *Voz do Povo*, 1920, pregando a frente única dos anarquistas e comunistas. Citando o canto da Internacional: "Paz entre nós, guerra aos senhores." Eles recusaram categoricamente, e o jornal *A Plebe* atacou-me.

R.L. - Então o partido propunha a frente única?

O.B. - Propunha a frente única, não brigar com eles: "Afinal de contas são operários, não vale a pena brigar com eles." E eles diziam: "Não! Não me misturo..." [riso]. Agora, a química moderna descobriu o isótopos a torto e a direito, não é? Quer dizer, nem na química há os quimicamente puros. Agora imagine a sociedade dos quimicamente puros - uma embrulhada.

R.L. - E a linha da Internacional? Ela permitia a frente única com anarquistas?

O.B. - Permitia frente única. Bom, na Europa eram os sociais-democratas. Os anarquistas foram perdendo terreno na Rússia, por toda parte. Era frente única, sobretudo com o social-democrata. Como aqui não havia, viu? Então, frente única com os anarquistas eles não quiseram.

M.C. - Otávio, qual era a posição do partido, nesse período, ao movimento já bastante definido dentro do Congresso Nacional - basicamente na Câmara - no sentido de se criar uma legislação trabalhista?

O.B. - Nós sempre fomos favoráveis, e o programa do Bloco Operário e Camponês levantou essas questões, e à porta das fábricas sempre levantamos. Leis, leis trabalhistas, leis para os operários, para as mulheres. Sempre.

M.C. - E o tenentismo?

O.B. - O tenentismo já muito depois. Primeiro que no nosso tempo não se chamava tenentismo, isto foi invenção de depois de 30. Eles mesmos se classificavam como revolucionários. A Coluna Prestes era uma coluna revolucionária. Não se chamava tenentismo, isto foi inventado depois de 30.

R.L. - Você passa a fazer parte do Comitê Central a partir de 23, não é?

O.B. - É. Aí já tinha o prazo, precisava um prazo determinado, 23, e fiquei até 30.

R.L. - Até 30. Você participa do II Congresso do partido. Como é que foi esse congresso? Quais foram as principais teses?

O.B. - As teses foram inspiradas no meu livro *Agrarismo e industrialismo: luta entre os latifundiários e a burguesia*, no sentido do capitalismo no Brasil, os pequeno-burgueses a reboque da burguesia, e uma frente nacional antiimperialista. Você pega o livro do Astrojildo e vem todo o texto lá. Todo, ou, pelo menos, o principal, o livro *Formação do PC*, nisto o livro serve - esses velhos documentos.

R.L. - Quer dizer, é a partir desse congresso que o partido começa a pensar na possibilidade de uma tática eleitoral, não é?

O.B. - Uma tática política para a luta armada, a princípio, já que a Coluna Prestes andava por este interior. Então, nós pregávamos: frente única, proletariado, camponeses, pequena burguesia urbana e burguesia industrial contra o imperialismo.

R.L. - Quem era essa burguesia?

O.B. - Quem era essa burguesia? É um pouco difícil responder no passado, viu? Mas nós víamos os pequeno-burgueses se revoltando por toda parte: em Copacabana, Rio de Janeiro; em São Paulo, em 24, com Isidoro; no Rio Grande do Sul com Prestes, a marcha da Coluna Prestes, os pequeno-burgueses. E nós sabíamos que os pequeno burgueses sempre fazem o jogo ou do proletariado ou da grande burguesia, porque eles não podem ter uma política própria. Então, nessas condições, a pequena burguesia estaria a serviço da grande burguesia brasileira. Assim, individualmente, nós não poderíamos citar...

R.L. - Bom, Otávio, eu queria saber como é que surgiu a idéia do Bloco Operário e Camponês. Ela foi uma decisão tirada pelo partido ou correspondeu a algum tipo de decisão da Internacional?

O.B. - Não, foi o partido. A Internacional, naquele tempo, intervinha muito pouco. De tempos em tempos mandava uma recomendação qualquer. Nós vimos que o estado de sítio ia terminar - quatro anos - , e, então, Leônidas de Resende colocou à nossa disposição o jornal dele, *A Nação*, que não aparecia durante o estado de sítio. Então traçamos um plano: um jornal diário, *A Nação*; tirar *A Classe Operária* como semanário, aí com a linha do partido, ao passo que *A Nação* seria uma mistura; e criar uma organização política para participar das eleições. Tínhamos participado antes, com Joaquim Barbosa como candidato a intendente, mas foi derrotado. Então verificamos que se precisaria ter uma organização própria, eleitoral, para eleger vereadores e deputados. Isto foi mais ou menos em 26 que decidimos, a CCE decidiu. Então, em 27, logo no começo, preparamos o programa, Astrojildo publicou o programa e lançamos a idéia pelo jornal diário *A Nação*, convidando Azevedo Lima, Maurício de Lacerda e quem quisesse aderir ao Bloco Operário. Era só Bloco Operário. Maurício de Lacerda recusou. Aliás, já tinha brigado comigo na casa de saúde na rua...

R.L. - Então, em termos de posição política, em termos de palavra de ordem, não havia diferença com relação ao partido?

O.B. - Bom, porque o partido era mais avançado, palavras de ordem mais revolucionárias. E o Bloco só podia avançar até certa altura. Precisávamos ter cuidado para ele não ser fechado.

M.C. - O Bloco era registrado?

O.B. - O Bloco não era registrado, mas custou várias cadeias, minhas, de Astrojildo. Perguntavam: "O que vocês estão fazendo aqui?" E nós: "Eleição." E eles: "E o Partido Comunista?" E eu respondia: "Eu não

sei. Eu não sei, não sei..." E o partido continuava a viver a sua vida própria. E o Bloco com aquela preocupação oficial de eleições...

M.C. - Exato, mas o Bloco era registrado como partido legal?

O.B. - Eu não me lembro. Eu não me lembro se registramos.

R.L. - Como é que era a forma de organização do Bloco Operário e Camponês?

O.B. - Bem, tinha os comitês nos sindicatos, nas fábricas. Chegou a ter uns sessenta comitês.

R.L. - E, Otávio, a linha política do Bloco Operário e Camponês era decidida como?

O.B. - Reivindicações imediatas, essas coisas, leis trabalhistas.

R.L. - Sim, mas como é que ela era decidida, pelo Partido Comunista ou...?

M.C. - Pelo partido.

R.L. - A direção do Bloco Operário e Camponês pertencia ao partido?

O.B. - Era. Eram todos. Não havia nenhum perigo de traição. Eram operários garantidos, a direção do Bloco - chegar ali e olhar. Então o partido preparou o programa, publicou o programa, melhorou depois, quando virou Bloco Operário e Camponês. E fizemos muita propaganda em torno, distribuindo manifesto. A cada operário que ia lá à sede do Bloco, nós dávamos um exemplar, folhetos, manifestos. Quatro horas da tarde, ali perto da Central do Brasil, aquela massa vinha, vinha... E nós o ano inteiro. E criando eleitores próprios, esses operários iam ser eleitores próprios.

M.C. - O que significa ser um eleitor próprio? Como assim?

O.B. - Não era fazer um apelo; eram operários conscientes que iam votar conscientemente no Bloco Operário. E que tinham se transformado em eleitores pelo Bloco Operário.

M.C. - Sim, porque muitos desses operários, mesmo tendo pela Constituição direito de voto, não eram eleitores nessa época, não é?

O.B. - A maioria esmagadora não era. Não acreditava nas eleições. E nós dizíamos: "Vai votar, e será respeitado. Se o governo não respeitar, nós pararemos o Rio de Janeiro." E o governo ficou com medo. Diziam: "Esses sujeitos são doidos." E nós dizíamos: "Não precisa nenhuma ordem do partido nem ninguém. Quando chegar a notícia, simples notícia, de que os dois vereadores eleitos não foram reconhecidos, parai todas as fábricas do Rio de Janeiro." Claro que a Polícia sabia que não podíamos parar

todas as fábricas, mas uma parte poderíamos parar, porque tínhamos força. Tínhamos força em Real Grandeza, fábrica Aurora, na Gávea, no Engenho de Dentro. E o quarto delegado Oliveira Sobrinho era contra, não queria que fôssemos reconhecidos, mas a pressão foi muito grande, dos operários e mesmo de grupos burgueses.

R.L. - E como é que foi a atuação de vocês como vereadores, você e Minervino?

O.B. - Bem, era muito difícil. Havia um grupo da futura UDN, Getúlio Vargas. Era Seabra, Maurício de Lacerda, Leitão da Cunha. E a maioria era de reacionários, partidários do governo, mas reacionário burro que não enxergava nada de nada.

R.L. - A maioria da Câmara?

O.B. - Era a maioria da Câmara. Eu dizia: "Este governo do Washington Luís está podre." E eles: "Podre está Vossa Excelência." Um deles ia sempre armado e falou: "Um dia eu perco a paciência, não aturo mais este sujeito e vou fechar a boca dele com um tiro." Era um ambiente assim de provocações. Eu estava falando da tribuna, havia uma banca com uma tampa para a gente guardar livro, qualquer coisa ali. E eu estava falando, e eles com a banca assim: pá, pá, pá... Eu digo: "Senhor presidente, não me deixam falar." E eles: pá, pá, pá... O presidente, então, suspendia a sessão.

R.L. - Eu queria saber o seguinte: o Bloco Operário Camponês foi dissolvido quando?

O.B. - Em 30.

R.L. - Em que época de 30, em que mês?

O.B. - Bem, depois... houve essa... Quando Astrojildo chegou de Moscou, já veio com essas coisas...

R.L. - Antes da revolução?

O.B. - Antes.

R.L. - Você ainda era vereador?

O.B. - Era. Porque não houve revolução nenhuma, houve um golpe armado. Aí começam as discussões...

Referências:

REGO, Otávio Brandão. **Otávio Brandão (depoimento, 1977)**. Rio de Janeiro, CPDOC, 1993. 139 p.

Notas

¹ Graduado em Farmácia pela Universidade de Recife, atual universidade Federal de Pernambuco (UFPE), teórico e militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi um dos principais difusores da tradição marxista no Brasil, responsável pela primeira tradução brasileira do Manifesto do Partido Comunista.

² Ao inserirmos o nome *Octávio Brandão* e redigirmos a nota introdutória, optamos pela grafia *Octávio* –como normalmente aparece nas publicações do referido autor. Entretanto, preservamos no título e ao longo da entrevista a grafia *Otávio*, no sentido de manter a redação original da entrevista.

³ Recomendamos aos leitores(as) que desejem se aproximar dos estudos acerca dos primeiros anos do PCB, a leitura da obra *Formação do PCB* (1922-1928), de Astrojildo Pereira. Muitos temas citados nesta entrevista são visitados pelo autor.

⁴ Para uma maior aproximação acerca do Bloco Operário e Camponês, ver: KAREPOVS, Dainis. A classe operária vai ao Parlamento: O Bloco Operário e Camponês do Brasil. (1924-1930). São Paulo: Alameda, 2006.

⁵ Em Russo, no original: "Isto é bobagem." (nota contida na transcrição original da entrevista)

⁶ Ver: LÉNINE. II Congresso da Internacional Comunista. Obras Escolhidas em três tomos, Edições "Avante", 1977, t3, página 367-385. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1920/07/24.htm>

⁷ O depoente leu todo esse parágrafo. (nota contida na transcrição original da entrevista)

Recebido em: 07 de jul. 2022

Aprovado em: 28 de ago. 2022